

# **OPEN FINANCE NO BRASIL: ANÁLISE DA INTENÇÃO DE USO A PARTIR DA TEORIA UNIFICADA DE ACEITAÇÃO E USO DE TECNOLOGIA**

*Open finance in Brazil:  
analysis of use intention based on the Unified Theory of Acceptance and Use of Technology*

**Amanda Lara**<sup>1</sup>

 0009-0007-5215-6276

✉ al.amandalara@gmail.com

**Kavita Hamza**<sup>1</sup>

 0000-0002-3586-5587

✉ kavita@usp.br

**Guilherme Anzoategui**<sup>1</sup>

 0009-0004-7603-3623

✉ guilhermeranzoategui@hotmail.com

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo – USP

## **RESUMO**

O Open Finance representa uma das principais inovações promovidas pelo Banco Central do Brasil com o propósito de ampliar a competitividade e a inclusão financeira no Sistema Financeiro Nacional. Esse trabalho teve como objetivo analisar os fatores que influenciam a intenção de uso do Open Finance, utilizando como base teórica a Teoria Unificada de Aceitação e Uso de Tecnologia (UTAUT). A pesquisa caracteriza-se como quantitativa, com a aplicação de um questionário estruturado, obtendo uma amostra de 169 respondentes. A análise de dados foi realizada por meio da Modelagem de Equações Estruturais, utilizando o software SmartPLS. Os resultados indicaram que a expectativa de performance e a expectativa de esforço possuem impacto positivo e significativo sobre a intenção de uso do Open Finance. Por outro lado, a influência social e as variáveis moderadoras (gênero, idade e experiência) não apresentaram efeitos significativos. Os achados reforçam a importância de estratégias voltadas à comunicação dos benefícios práticos do Open Finance e à facilitação da jornada de adoção, fazendo com que haja maior facilidade de uso percebida, de forma a aumentar a intenção de adoção do Open Finance.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Open Finance*, UTAUT, intenção de uso, tecnologia financeira, SmartPLS.

## **ABSTRACT**

Open Finance represents one of the most significant innovations promoted by the Central Bank of Brazil, aiming to enhance competitiveness and the financial inclusion within the National Financial System. This study aimed to analyze the factors influencing the intention to use Open Finance, based on the Unified Theory of Acceptance and Use of Technology (UTAUT). The research is characterized as quantitative, employing a structured questionnaire and obtaining a sample of 169 respondents. Data analysis was conducted through Structural Equation Modeling using the SmartPLS software. The results indicated that performance expectancy and effort expectancy have a positive and significant impact on the intention to use Open Finance. Conversely, social influence and the moderating variables (gender, age, and experience) did not show significant effects. The findings highlight the importance of implementing strategies focused on communicating the practical benefits of Open Finance and facilitating the adoption journey, aiming to increase perceived ease of use and, consequently, enhance the intention to adopt Open Finance.

**KEYWORDS:** Open Finance, UTAUT, usage intention, financial technology, SmartPLS.

## Introdução

O Banco Central Brasileiro (BCB) estabeleceu, em 2019, como parte de sua agenda institucional, a Agenda BC#, com o objetivo de ampliar a democratização financeira e reduzir a necessidade de financiamento público, promovendo, assim, o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) e fomentando o investimento privado. As iniciativas dessa agenda concentram-se em quatro dimensões: inclusão, competitividade, transparência e educação financeira (Banco Central do Brasil, 2019).

A dimensão referente à competitividade concentrou inovações voltadas a preparar o Sistema Financeiro Nacional (SFN) para um futuro tecnológico e inclusivo (Banco Central do Brasil, 2019), por meio da redução de barreiras e da agilização de procedimentos. Entre as iniciativas dessa dimensão, destacam-se o Pix, método de pagamento instantâneo e sua agenda evolutiva; o desenvolvimento do Drex, moeda digital brasileira; e a implementação do Sistema Financeiro Aberto, o Open Finance (OF).

Com o consentimento do consumidor, o Open Finance possibilita o compartilhamento de dados transacionais entre as instituições autorizadas pelo BCB que aderiram ao modelo. Esses dados referem-se às operações de conta corrente, poupança, contas pré-pagas, cartões de crédito, financiamentos, empréstimos e investimentos. Dessa forma, o consumidor pode optar por compartilhar informações entre as diferentes instituições financeiras com as quais se relaciona, de forma segura e regulada, a fim de obter produtos e serviços personalizados, com condições mais vantajosas, como tarifas e taxas menores, além da possibilidade de realizar pagamentos e movimentações financeiras em um único aplicativo (Banco Central do Brasil, 2025).

Estima-se que um brasileiro possua, em média, seis contas bancárias ativas (Salinet, 2024), o que evidencia que um sistema como o Open Finance pode funcionar como viabilizador do compartilhamento de dados entre instituições. Isso favorece a portabilidade de relacionamento, proporciona maior agilidade na concessão de crédito e fomenta ofertas mais atrativas ao consumidor. Para as instituições participantes, reduz-se a assimetria de informação, já que os dados não ficam mais restritos a players tradicionais, ao mesmo tempo em que se estimula o surgimento de novos modelos de negócios (Banco Central do Brasil, 2025).

Em 2025, o Open Finance completa quatro anos de operação no Brasil, com 62 milhões de consentimentos ativos em fevereiro (Scaff, 2025), o que demonstra a sua crescente relevância para os usuários de serviços financeiros. O sucesso do Open Finance depende, principalmente, do consentimento do usuário para o compartilhamento de seus dados e, nesse contexto, a Teoria Unificada de Aceitação e Uso de Tecnologia (UTAUT - *Unified Theory of Acceptance and Use of Technology*), desenvolvida por Venkatesh, Morris, Davis, e Davis (2003), configura-se como uma abordagem teórica robusta para compreender os fatores que levam o usuário a consentir com o uso da tecnologia.

A teoria considera a percepção individual quanto à expectativa de desempenho, esforço e influência social, sendo essas relações moderadas por variáveis como gênero, idade, voluntariedade de uso e experiência prévia, com o objetivo de explicar a intenção de uso de uma tecnologia, como o Open Finance.

Diante desse cenário, este trabalho tem por objetivos: compreender os fatores que influenciam a intenção de uso do Open Finance, na perspectiva do consumidor, com base no modelo UTAUT; e analisar como as variáveis moderadoras (gênero, idade e experiência) influenciam a relação entre os fatores preditores e a intenção de uso do Open Finance, identificando tanto barreiras quanto facilitadores de adoção.

## Fundamentação Teórica

### Open Finance

O surgimento do Open Finance como parte da agenda de ações do Banco Central foi motivado por uma preocupação do BCB em relação ao monopólio informacional (Ragazzo, Tolentino, & Cataldo, 2022). O monopólio sobre dados pessoais e transacionais dos clientes prejudicava a concorrência e representava uma barreira à entrada de novos players.

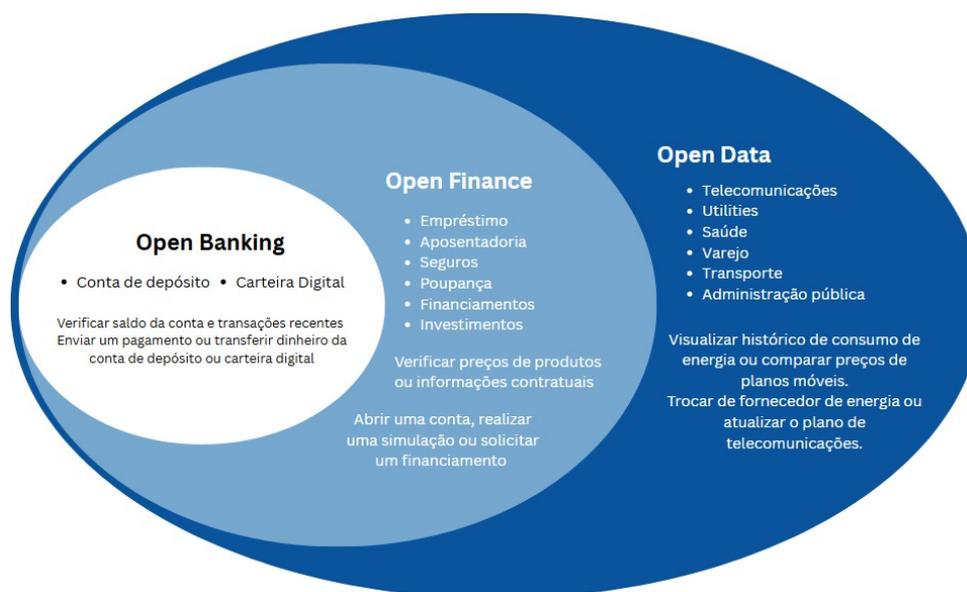
O Banco Central (2025) define o Open Finance como o compartilhamento de informações de clientes de produtos e serviços financeiros entre diferentes instituições, com a possibilidade de movimentação de contas bancárias em diversas plataformas, sem se restringir ao aplicativo ou site do banco contratado. Apenas os dados autorizados pelo cliente podem ser compartilhados, sendo possível revogar essa autorização a qualquer momento.

O Open Finance é a evolução do Open Banking, que, por sua vez, refere-se ao compartilhamento de dados bancários, como contas correntes, transações, histórico de pagamentos e poupanças (Open Finance Brasil, 2022). O seu principal objetivo é permitir o gerenciamento mais eficiente das finanças, o acesso a crédito mais barato e a oferta de serviços financeiros personalizados (Cambridge Centre for Alternative Finance, 2024).

Originalmente concebido em 2015 no Reino Unido, o Open Banking baseava-se no reconhecimento do direito dos clientes de serviços bancários de compartilhar os seus próprios dados, fomentando a transformação do setor financeiro, partindo de um modelo de negócios fechado para uma plataforma aberta (Briones de Araluze & Cassinello Plaza, 2022).

No Brasil, o Open Finance teve início como Open Banking, a partir da Resolução Conjunta nº 1, de 4 de maio de 2020 (Banco Central do Brasil, 2020), sendo oficialmente lançado em fevereiro de 2021. O Open Finance amplia o escopo dos dados compartilhados, incluindo informações sobre investimentos, seguros, previdência, financiamentos, câmbio e consórcios, conforme ilustrado na Figura 1, que apresenta o escopo de produtos nos modelos de Open Banking, Open Finance e Open Data.

Figura 1 - Escopo de produtos nos modelos de Open Banking, Open Finance e Open Data



Fonte: adaptado de Cambridge Centre for Alternative Finance (2024).

A Figura 2 apresenta um infográfico que sintetiza de forma visual e didática os principais aspectos do Open Finance. O conteúdo inclui a definição do conceito, destacando a sua proposta de promover a abertura e o compartilhamento de dados financeiros entre instituições autorizadas. Além disso, evidencia os impactos diretos para os usuários, como maior personalização de produtos e serviços financeiros, bem como o fortalecimento das medidas de segurança adotadas para garantir a proteção das informações compartilhadas.

Figura 2 - Infográfico sobre o Open Finance

O que é **openfinance?**

Open Finance é um sistema que permite o **compartilhamento de dados financeiros pessoais** entre instituições autorizadas mediante **consentimento explícito do usuário**.

Inclui informações bancárias, de crédito, seguros, câmbio, investimentos, previdência, entre outros.

**BANCO CENTRAL DO BRASIL**

A base legal no Brasil está no arcabouço do **Banco Central**, como uma expansão do Open Banking.  
🔒 **Você pode autorizar, limitar ou revogar esse compartilhamento a qualquer momento.**

**O que pode mudar para você?**

- Ofertas de crédito mais justas, com base no seu histórico e comportamento financeiro
- Visão integrada da sua vida financeira, incluindo investimentos, seguros e contas
- Serviços inovadores e mais baratos, com foco em seus objetivos
- Comparação facilitada entre bancos e produtos

**E a segurança dos seus dados?**

- Todos os dados são criptografados e protegidos por regras da LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados).
- **Só instituições autorizadas pelo Banco Central podem participar do ecossistema**, como bancos, fintechs, cooperativas, corretoras, seguradoras, plataformas de câmbio e mais.  
*Ex: Nubank, Itaú, Inter, C6, XP, etc.*

**Agora que você entendeu o que é Open Finance, queremos ouvir sua opinião sobre essa nova forma de se relacionar com o sistema financeiro.**

Fonte: Banco Central do Brasil (2025). Elaborada pelos autores.

## *Implementação e Fases do Open Finance*

A implementação do Open Finance ocorreu em quatro fases, distribuídas entre 2021 e 2023. A primeira fase teve início em fevereiro de 2021, consistindo no compartilhamento padronizado das informações das instituições financeiras, com o impacto esperado de fomentar o surgimento de novas soluções para a comparação entre produtos e serviços financeiros (Open Finance Brasil, 2024).

Entre agosto e setembro do mesmo ano, teve início a segunda fase, que abrangeu os dados cadastrais e transacionais dos consumidores, os quais passaram a ter o controle sobre o compartilhamento de suas informações com as instituições de sua preferência, mediante o consentimento explícito. Nessa etapa, os dados contemplados incluíam informações cadastrais, transacionais e sobre cartões e operações de crédito (Open Finance Brasil, 2024).

A terceira fase teve início em outubro de 2021, com a introdução dos serviços de iniciação de pagamento e de encaminhamento de propostas de crédito, possibilitando o acesso a serviços financeiros personalizados. A partir desse momento, o consumidor passou a contar com mais flexibilidade para realizar pagamentos entre múltiplas contas, com maior autonomia no acesso a produtos e serviços financeiros (Open Finance Brasil, 2024).

Por fim, na quarta e última fase, iniciada em abril de 2023, houve a ampliação do escopo de dados, produtos e serviços, marcando efetivamente o início do Open Finance. Essa fase passou a incluir informações sobre investimentos, câmbio, seguros, previdência, capitalização e credenciamento. Além disso, foi habilitada a possibilidade de compartilhamento de dados transacionais relacionados a investimentos e câmbio, mediante o consentimento do consumidor (Open Finance Brasil, 2024).

As instituições participantes do Open Finance são aquelas autorizadas pelo Banco Central a operar no Brasil, incluindo instituições financeiras e instituições de pagamento. De acordo com o Relatório Anual do Open Finance (Open Finance Brasil, 2024), há 801 instituições e cooperativas participantes, além de 190 conglomerados prudenciais ou financeiros, 429 instituições transmissoras/receptoras de dados e 580 instituições detentoras de conta.

O modelo de operação do Open Finance estabelecido no Brasil é considerado como induzido pelo regulador, conforme apontado por Ragazzo et al. (2022), sendo caracterizado pela imposição de participação obrigatória a determinados agentes, com o objetivo principal de promover a concorrência por meio da quebra de monopólios informacionais. As instituições dos segmentos 1 e 2, cujo porte é igual ou superior a 1% do PIB, são participantes obrigatórias e seguem o modelo de reciprocidade, tendo acesso aos dados disponíveis a partir do compartilhamento de seus próprios dados. As demais instituições autorizadas pelo Banco Central participam de forma voluntária.

O primeiro país a adotar o Open Banking como política pública foi o Reino Unido, sob regulação da *Competition and Markets Authority* (CMA), órgão antitruste britânico. O projeto de Open Banking surgiu de um estudo conduzido pelo CMA sobre os aspectos competitivos do mercado financeiro do país, que identificou uma forte concentração de informações nos nove maiores bancos. Assim, o Open Banking foi criado com o objetivo de permitir que os clientes compartilhassem os seus dados com *fintechs* (empresas de tecnologia financeira), em um ecossistema bancário seguro, fomentando a concorrência. Essa iniciativa visava promover a competição por preço e qualidade, uma vez que o compartilhamento de dados eliminaria o monopólio informacional (Ragazzo et al., 2022).

## Teoria Unificada de Aceitação e Uso de Tecnologia (UTAUT)

Diante da exposição do Open Finance e da necessidade de compreender como os consumidores adotam novas tecnologias financeiras, torna-se fundamental recorrer a modelos teóricos que possam embasar o estudo da intenção de uso do novo sistema introduzido pelo BCB. Entre as abordagens mais reconhecidas para investigar a aceitação de tecnologias está a Teoria Unificada de Aceitação e Uso de Tecnologia (UTAUT), proposta por Venkatesh et al. (2003).

O UTAUT foi elaborado a partir de uma revisão sistemática de oito modelos teóricos de aceitação: *Theory of Reasoned Action* (TRA), *Technology Acceptance Model* (TAM), *Motivational Model* (MM), *Theory of Planned Behaviour* (TPB), *Combined TAM and TPB* (C-TAM-TPB), *Model of PC Utilization* (MPCU), *Innovation Diffusion Theory* (IDT) e *Social Cognitive Theory* (SCT). Os autores avaliaram as semelhanças e as diferenças entre esses modelos, com o objetivo de formular uma estrutura unificada que integrasse os principais elementos das teorias analisadas.

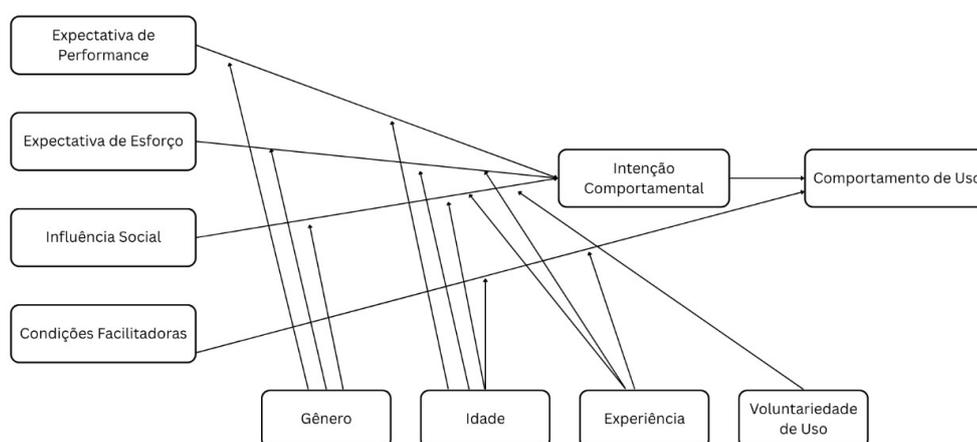
Nos estudos voltados à compreensão da aceitação de tecnologias pelos usuários, diversos modelos teóricos foram desenvolvidos, com diferentes origens disciplinares, como sistemas de informação, psicologia e sociologia. Um dos problemas apontados pelos autores era que, frequentemente, os pesquisadores precisavam selecionar e combinar construtos de diferentes teorias ou, alternativamente, restringir-se a um único modelo, deixando de considerar contribuições relevantes de outros modelos alternativos. Nesse contexto, mostrou-se necessário o desenvolvimento de uma teoria unificada, resultando na formulação do UTAUT (Venkatesh et al., 2003).

Todos os modelos selecionados utilizavam a intenção de uso e/ou o uso efetivo como variáveis dependentes para explicar a aceitação de novas tecnologias. Observou-se que, apesar das diferenças conceituais entre os modelos, todos seguiam uma estrutura fundamental composta por: reações individuais ao uso da tecnologia (crenças e percepções); intenção de uso da tecnologia (decisão mental de querer ou não a utilizar); e uso da tecnologia (comportamento observável do usuário em relação ao sistema), que pode retroalimentar as reações individuais.

### Os Construtos do UTAUT

Os autores desenvolveram o UTAUT, identificando quatro determinantes essenciais para a intenção e o uso efetivo da tecnologia: expectativa de performance; expectativa de esforço; influência social; e condições facilitadoras, detalhados na seção a seguir. Além disso, a relação desses construtos com a intenção e o uso pode ser afetada por variáveis moderadoras, compondo o modelo apresentado na Figura 3.

Figura 3 - Modelo da Teoria Unificada de Aceitação e Uso de Tecnologia



Fonte: Venkatesh et al. (2003).

### *Expectativa de performance*

A expectativa de performance é definida como o grau em que um indivíduo acredita que o uso do sistema o ajudará a obter melhorias no desempenho de seu trabalho. É considerada a variável preditora mais relevante para determinar a intenção de uso, tanto em situações de voluntariedade quanto em contextos nos quais a adoção da tecnologia é obrigatória. O gênero e a idade são variáveis moderadoras da relação entre expectativa de performance e intenção de uso, com base em estudos prévios que indicaram que os homens tendem a ser mais orientados para tarefas e, portanto, mais sensíveis à expectativa de desempenho. A idade, por sua vez, é considerada uma variável moderadora da expectativa de performance, com base em estudos citados pelos autores, os quais demonstraram que trabalhadores mais jovens podem valorizar mais as recompensas extrínsecas, quando comparados a trabalhadores mais velhos (Venkatesh et al., 2003).

Dessa forma, Venkatesh et al. (2003) sugerem que a influência da expectativa de performance na intenção de uso pode ser moderada pelo gênero e pela idade, de modo que o efeito seja mais forte para os homens, especialmente os homens jovens.

No contexto desta pesquisa, o construto da expectativa de performance refere-se ao grau em que o indivíduo acredita que o uso do Open Finance o ajudará a melhorar as suas atividades financeiras, como gerenciar contas bancárias em diferentes instituições e acessar serviços personalizados. A expectativa de performance é o principal construto de influência sobre a intenção de uso de uma tecnologia (Venkatesh et al., 2003). Com base nesse entendimento, propõem-se as seguintes hipóteses: a expectativa de performance influencia positivamente a intenção de uso do Open Finance (**H1a**); o gênero modera a relação entre expectativa de performance e intenção de uso do Open Finance, de modo que essa relação seja mais forte para homens do que para mulheres (**H1b**); e a idade modera a relação entre expectativa de performance e intenção de uso do Open Finance, sendo mais acentuada para pessoas jovens em comparação com pessoas mais velhas (**H1c**).

### *Expectativa de esforço*

A expectativa de esforço é definida como o grau de facilidade associado ao uso do sistema e, após uma utilização prolongada, esse construto tende a se tornar não significativo. Três variáveis moderadoras são relevantes para a análise da influência desse construto sobre a intenção de uso: gênero, idade e experiência (Venkatesh et al., 2003). Os autores sugerem que a influência da expectativa de esforço na intenção de uso é mais intensa entre as mulheres, especialmente entre aquelas mais jovens e com pouca experiência no uso do sistema.

No contexto desta pesquisa, a expectativa de esforço refere-se ao grau de facilidade percebido pelo indivíduo em relação à utilização do Open Finance. Quanto mais simples e fácil for percebido o seu uso, maior será a intenção de utilizá-lo. Com base na teoria, propõe-se as seguintes hipóteses: a expectativa de esforço influencia positivamente a intenção de uso do Open Finance (**H2a**); o gênero modera a relação entre expectativa de esforço e intenção de uso do Open Finance, sendo essa relação mais forte entre mulheres do que entre homens (**H2b**); a idade modera a relação entre expectativa de esforço e intenção de uso do Open Finance, sendo essa relação mais forte entre usuários jovens do que entre usuários mais velhos (**H2c**); e a experiência modera a relação entre a expectativa de esforço e a intenção de uso do Open Finance, sendo essa relação mais forte entre usuários com menor experiência em serviços financeiros digitais (**H2d**).

### *Influência social*

Este construto diz respeito ao grau em que um indivíduo percebe que outras pessoas importantes para ele acreditam que ele deveria usar o novo sistema. A influência social busca explicitar a noção de que o comportamento do indivíduo pode ser influenciado pela maneira como ele pensa que os outros o perceberão com base no uso do sistema. Variáveis como gênero, idade, voluntariedade de uso e experiência são moderadoras da relação entre a influência social e a intenção de uso do sistema, com efeito mais intenso entre as mulheres, especialmente aquelas mais velhas e em estágios iniciais de experiência (Venkatesh et al., 2003).

Aplicando este construto ao contexto desta pesquisa, a influência social refere-se ao grau em que o indivíduo percebe que pessoas que considera importantes acreditam que ele deveria utilizar o Open Finance, com a proposição das seguintes hipóteses: a influência social afeta positivamente a intenção de uso do Open Finance (**H3a**); o gênero modera a relação entre a influência social e a intenção de uso do Open Finance, sendo mais forte para mulheres do que para homens (**H3b**); a idade modera a relação entre influência social e intenção de uso do Open Finance, sendo mais forte para pessoas mais velhas (**H3c**); e a experiência modera a relação entre a influência social e a intenção de uso do Open Finance, sendo mais forte para pessoas com menos experiência com serviços financeiros digitais (**H3d**).

### *Condições facilitadoras*

As condições facilitadoras correspondem ao grau em que um indivíduo acredita que há suporte organizacional e infraestrutura técnica para apoiar o uso do sistema. Idade e experiência são as variáveis moderadoras da relação entre as condições facilitadoras e o uso do sistema, com efeito mais intenso para as pessoas mais velhas e, particularmente, para aquelas que possuem mais experiência. Esse construto relaciona-se diretamente ao comportamento observável do usuário em relação à tecnologia, e não à intenção de comportamento, que corresponde à intenção de uso do Open Finance. Portanto, esse construto está fora do escopo desta pesquisa, que visa avaliar a intenção de uso do Open Finance, isto é, a decisão mental de querer ou não utilizar o sistema.

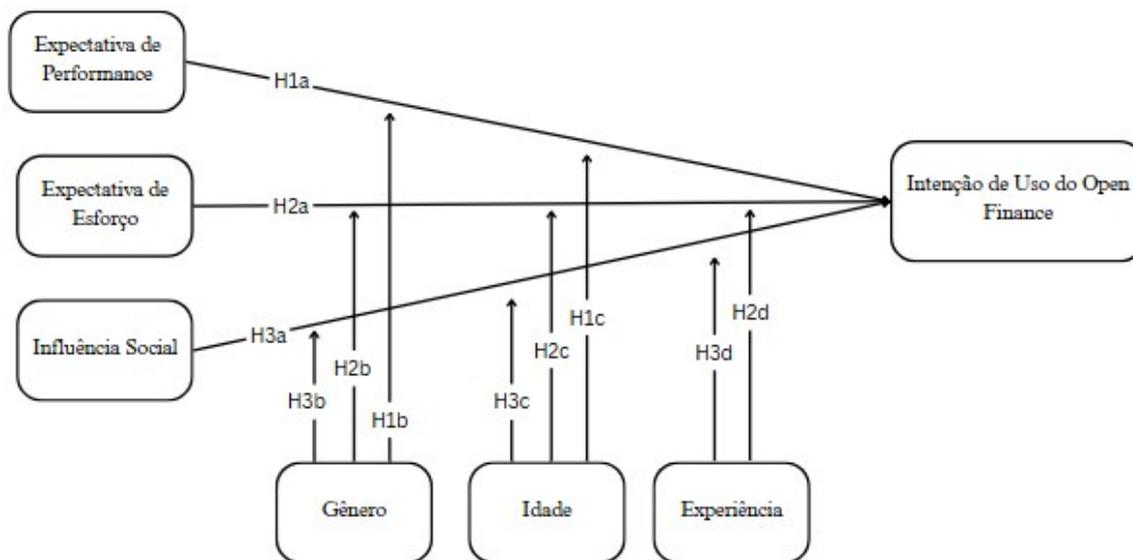
### *Intenção de uso*

A intenção de uso é a probabilidade subjetiva de que um indivíduo realizará um comportamento específico (Marikyan, Papagiannidis, & Stewart, 2023) e, no contexto deste trabalho, refere-se à intenção de uso do Open Finance.

### **Metodologia**

Esta pesquisa possui caráter quantitativo, utilizando o modelo UTAUT para compreender os fatores que influenciam a intenção de uso do Open Finance, tendo como variáveis preditoras a expectativa de performance, a expectativa de esforço e a influência social. Como variáveis moderadoras, consideraram-se o gênero, a idade e a experiência. Ressalta-se que o objetivo deste estudo é analisar a intenção de uso, e não o comportamento de uso. Portanto, o construto “condições facilitadoras”, que prediz o comportamento de uso, não foi incluído na análise. Ademais, o Open Finance é um sistema que depende do consentimento do usuário, sendo de caráter voluntário. Assim, a variável moderadora “voluntariedade de uso” também não foi considerada no modelo de pesquisa, ilustrado na Figura 4.

Figura 4 - Modelo de pesquisa



Fonte: elaborada pelos autores.

### Instrumento de Coleta de Dados

Um formulário foi o instrumento de coleta de dados desta pesquisa, estruturado em três seções: demografia; hábitos financeiros digitais; e perguntas sobre facilidade de uso percebida, utilidade percebida e intenção de uso, com respostas coletadas de forma on-line, no período de abril a maio de 2025. O formulário foi compartilhado por meio de redes sociais, caracterizando uma amostragem por conveniência, não probabilística. Foram coletadas 170 respostas durante o período em que o formulário esteve disponível ao público. Dentre elas, apenas uma foi descartada, por se tratar de um respondente com idade inferior a 18 anos. Assim, 169 respostas foram consideradas válidas e incluídas nas análises deste trabalho.

Os dados obtidos por meio do questionário possibilitaram o teste das hipóteses apresentadas anteriormente, identificando as relações entre as variáveis.

### Escala de Mensuração

No modelo original do UTAUT, os autores utilizaram uma escala de 7 pontos para a medição dos construtos, variando do extremo negativo (1) até o extremo positivo (7), e essa mesma escala foi adotada no presente estudo.

Além disso, buscaram-se escalas previamente validadas em outros estudos, adequadas ao contexto do Open Finance, identificando-se que a escala adaptada por Fernandes (2020) ao Open Banking mostrou-se aderente a este trabalho. Isso se deve ao fato de que a base metodológica utilizada pela autora inclui o modelo UTAUT, com a mensuração dos construtos fundamentada em estudos anteriores do mesmo campo teórico, aplicados ao contexto financeiro. Dessa forma, a escala de Fernandes (2020) foi utilizada para a elaboração das perguntas relacionadas ao UTAUT, conforme exposto na Tabela 1.

Tabela 1 - Perguntas de performance e esforço

Construtos	Perguntas
<b>Expectativa de Performance</b>	Perf_1: Eu acredito que o <i>Open Finance</i> me permite realizar transações bancárias mais rapidamente.
	Perf_2: Eu acredito que o <i>Open Finance</i> tornaria a gestão das minhas finanças mais eficientes.
	Perf_3: Eu acredito que usar o <i>Open Finance</i> aumenta minhas chances de alcançar coisas que são importantes para mim.
	Perf_4: Eu acredito que o <i>Open Finance</i> me oferece muito mais produtos/serviços do que o modelo bancário tradicional.
	Perf_5: Eu acredito que os benefícios do <i>Open Finance</i> superam os benefícios que qualquer banco sozinho possa me oferecer.
	Perf_6: Eu acredito que o <i>Open Finance</i> me oferece acesso a melhores produtos financeiros.
	Perf_7: Eu acredito que o <i>Open Finance</i> pode aumentar a concorrência entre bancos, melhorando os serviços financeiros.
	Perf_8: Eu acredito que ter meus dados compartilhados entre instituições financeiras me ajuda a receber ofertas mais personalizadas.
<b>Expectativa de Esforço</b>	Esf_1: O <i>Open Finance</i> é fácil de usar.
	Esf_2: Aprender a usar o <i>Open Finance</i> é fácil.
	Esf_3: Eu acho fácil usar o <i>Open Finance</i> .
	Esf_4: O <i>Open Finance</i> é claro e compreensível.
	Esf_5: Eu acredito que as interfaces do <i>Open Finance</i> são amigáveis.
	Esf_6: Usar <i>Open Finance</i> é prático e confortável.

Fonte: adaptado de Fernandes (2020)

Para a avaliação do construto de influência social, foram consideradas as perguntas originais de Venkatesh et al. (2003), as quais foram traduzidas para o português e adaptadas ao contexto do Open Finance. Observou-se, ainda, que essas perguntas também foram utilizadas na escala desenvolvida por Travain (2023), no contexto do Open Finance, baseada na escala de Silva (2009), originalmente concebida para avaliar a intenção de uso de sistemas ERP (Planejamento de Recursos Empresariais), também fundamentada no modelo UTAUT. As perguntas utilizadas para a mensuração desses construtos estão apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2 - Perguntas de influência social e intenção de uso

Construtos	Perguntas
<b>Influência Social</b>	Inf_1: As pessoas que influenciam meu comportamento acham que eu devo aderir ao Open Finance.
	Inf_2: As pessoas que são importantes para mim acham que eu devo aderir ao Open Finance.
	Inf_3: Em geral, as pessoas que influenciam meu comportamento já aderiram ao Open Finance.
<b>Intenção de Uso</b>	Int_1: Pretendo usar o Open Finance em breve.
	Int_2: Se eu tiver acesso a produtos/serviços de Open Finance, prevejo que os usaria.
	Int_3: Pretendo usar o Open Finance regularmente.
	Int_5: Pretendo usar o Open Finance sempre que necessário.
	Int_6: Eu já utilizo o Open Finance.

Fonte: adaptado de Fernandes (2020), Travain (2023) e Venkatesh et al. (2003).

Em relação às variáveis moderadoras (gênero, idade e experiência), foram feitas perguntas demográficas que possibilitariam a segmentação e a análise dos dados. Para a variável de experiência, considerou-se o tempo de uso de serviços financeiros digitais pelo respondente, conforme abordagem semelhante à de Fernandes (2020), por meio da pergunta: “Há quanto tempo você utiliza serviços financeiros digitais? (aplicativos bancários, carteiras digitais, plataformas de investimento etc.)”, com cinco alternativas de frequência, em escala Likert.

De modo semelhante a Venkatesh et al. (2003), utilizou-se uma variável binária para o gênero: 0 para feminino e 1 para masculino. A variável idade foi categorizada em três faixas etárias, criando-se três categorias ordinais, conforme a metodologia adotada por Al-Gahtani et al. (2007). Já a experiência foi mensurada por meio de uma variável dummy, com valores de 0 a 4, representando os níveis de familiaridade do usuário com o uso de serviços financeiros digitais, também seguindo o modelo proposto por Venkatesh et al. (2003).

O modelo de pesquisa foi analisado usando o SmartPLS 4.1.1.2, voltado à modelagem de equações estruturais. Adicionalmente, utilizou-se o Microsoft Excel para a análise demográfica, dos hábitos financeiros digitais e para a geração de gráficos.

## Resultados

### Perfil Demográfico da Amostra

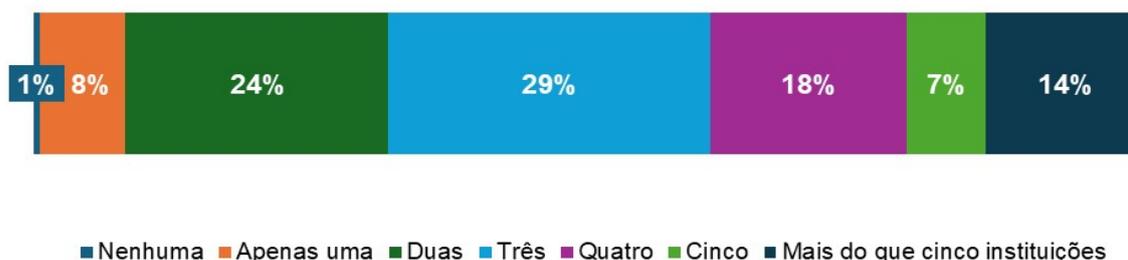
Foram coletadas 169 respostas válidas, sendo 54,4% de pessoas do gênero feminino e 45,6% do gênero masculino. Em relação à distribuição etária, observou-se maior concentração de respondentes entre 18 e 29 anos (46%). A faixa etária de 30 a 44 anos corresponde a 33% dos participantes, enquanto aqueles com idade superior a 45 anos representam 21% da amostra.

### Hábitos Financeiros da Amostra

Buscou-se compreender o perfil dos respondentes em relação à bancarização, à quantidade de instituições financeiras das quais são clientes e à frequência de uso de canais para transações bancárias, bem como o conhecimento prévio sobre o Open Finance.

Conforme ilustrado na Figura 5, a maior parte dos respondentes (86%) possui conta pessoa física, enquanto 13% responderam ter conta pessoa física e jurídica. Apenas uma pessoa declarou não possuir conta bancária. Em relação ao número de instituições financeiras com as quais se relacionam, observou-se que 92% da amostra possui duas contas ou mais, indicando um perfil de consumidores com múltiplos vínculos bancários. Esse cenário sugere que tal público pode ser beneficiado diretamente pelos efeitos do Open Finance, como a centralização de informações e a gestão integrada das finanças. O número de instituições mais frequente foi três (29%), seguido por duas (24%) e quatro instituições (18%). Ressalta-se que 21% dos respondentes têm cinco ou mais instituições de relacionamento, o que demonstra a diversificação do relacionamento bancário. Uma parcela menor declarou ter apenas uma conta (8%) ou nenhuma (1%). Essas características da amostra indicam que esse público tende a ser mais receptivo aos benefícios de interoperabilidade, comparação de ofertas e personalização de serviços que o Open Finance pode proporcionar.

Figura 5 - Quantidade de Instituições Financeiras por respondente

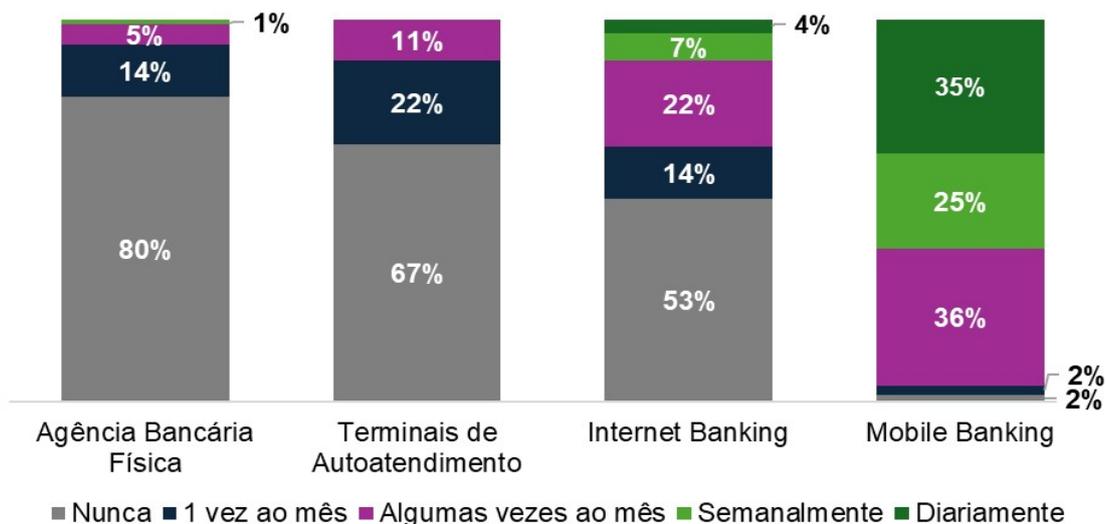


Fonte: elaborada pelos autores.

Analisando a frequência de uso dos canais de atendimento bancário (Figura 6), observa-se preferência pelos meios digitais, especialmente o *mobile banking*, que se refere ao uso de aplicativos bancários por meio de dispositivos móveis, como smartphones ou tablets. Observa-se que 35% dos respondentes utilizam o *mobile banking* como canal de atendimento diariamente, enquanto 25% o utilizam semanalmente e 36% fazem uso algumas vezes ao mês. O *internet banking*, que diz respeito ao acesso de serviços bancários via navegador web, também é relevante, sendo usado por 22% dos respondentes algumas vezes ao mês.

Em contrapartida, os terminais de autoatendimento (ATMs) e as agências bancárias físicas apresentam menor frequência de uso. Observou-se que 80% dos respondentes declararam nunca utilizar agências físicas e 67% afirmaram não usar ATMs, reforçando a digitalização dos serviços financeiros e a redução da demanda por canais presenciais. Esses resultados demonstram que a amostra possui forte interação com os canais digitais, especialmente por meio de aplicativos móveis.

Figura 6 - Frequência de uso dos canais de atendimento bancário

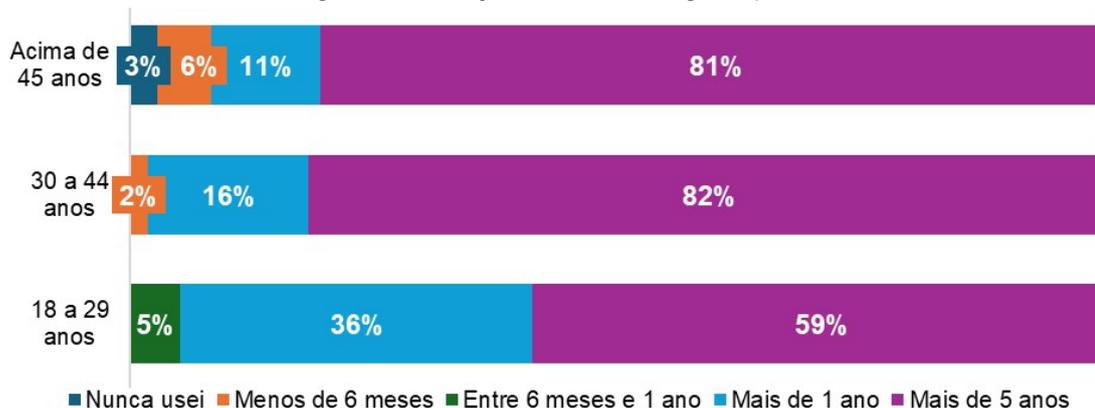


Fonte: elaborada pelos autores.

Em relação ao tempo de experiência com serviços financeiros digitais (aplicativos bancários, carteiras digitais, plataformas de investimento etc.), observa-se que a maior parte da amostra declarou utilizar esses serviços há mais de cinco anos, conforme demonstrado na Figura 7. A familiaridade com os canais digitais é elevada em todas as faixas etárias

analisadas, especialmente entre os participantes com mais de 30 anos. Nos grupos de 30 a 44 anos e acima de 45 anos, 82% e 81%, respectivamente, afirmaram ter mais de cinco anos de uso. Entre os mais jovens (18 a 29 anos), observa-se um cenário de transição, em que 59% afirmaram ter mais de cinco anos de experiência, enquanto 36% possuem entre um e cinco anos de uso, refletindo o início mais recente da trajetória financeira desse público.

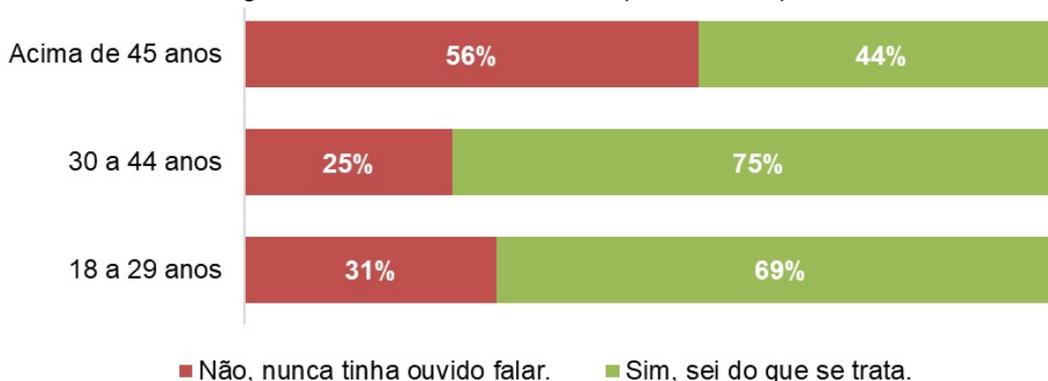
Figura 7 - Serviços financeiros digitais por faixa etária



Fonte: elaborada pelos autores.

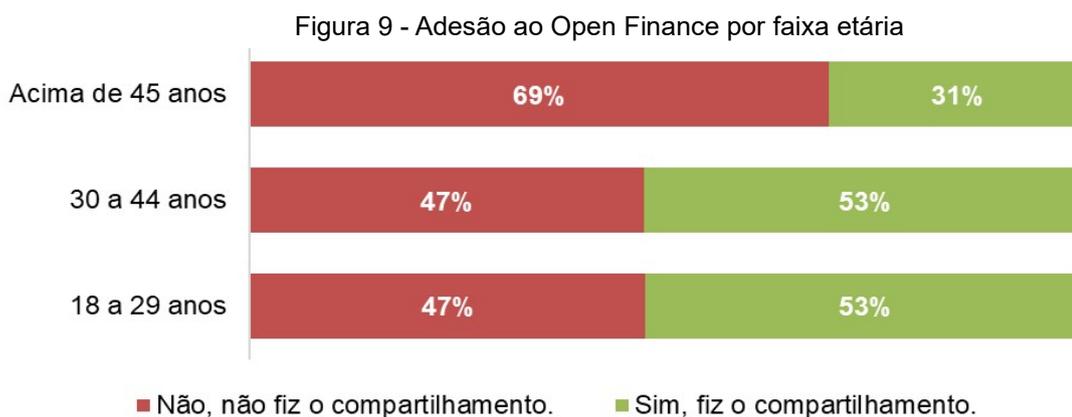
A Figura 8 demonstra o conhecimento sobre o Open Finance por faixa etária. Os grupos mais jovens apresentam maior familiaridade com o tema, enquanto a faixa etária acima de 45 anos tem, em sua maioria (56%) o Open Finance como um tema desconhecido. Entre os participantes de 18 a 29 anos, 69% declararam conhecer o Open Finance, e a faixa de 30 a 44 anos é a que apresenta maior conhecimento sobre o tema, com 75% dos respondentes declarando conhecimento prévio.

Figura 8 – Conhecimentos sobre Open Finance por faixa etária



Fonte: elaborada pelos autores.

Por fim, conforme ilustrado na Figura 9, perguntou-se aos respondentes sobre a adesão ao Open Finance, isto é, se eles haviam compartilhado os seus dados financeiros entre instituições. A maior parte (52%) declarou não ter aderido ao Open Finance, enquanto 48% afirmaram ter autorizado o compartilhamento. Observando a adesão ao Open Finance por faixa etária, nota-se que os grupos de 18 a 29 anos e de 30 a 44 anos apresentaram a mesma proporção em relação ao compartilhamento dos dados, com 47% declarando não ter realizado o compartilhamento e 53% afirmando ter aderido ao Open Finance. Por outro lado, a faixa etária acima de 45 anos foi a que menos autorizou o compartilhamento de dados, com 69% dos respondentes declarando o não compartilhamento.



Fonte: elaborada pelos autores.

### Modelo de Mensuração

Para o teste das hipóteses apresentadas, utilizou-se o algoritmo PLS-SEM, no software SmartPLS, cuja escolha se justifica por se tratar de um modelo exploratório, adequado para amostras de tamanho reduzido e pela possibilidade de lidar com dados que não seguem uma distribuição normal (Hair, Sarstedt, Hopkins, & Kuppelwieser, 2014). Conforme as instruções de Hair et al. (2014), a análise iniciou-se com a criação do modelo que conecta as variáveis e os construtos baseados no UTAUT, identificando as variáveis independentes e dependentes.

Em seguida, executou-se o algoritmo do PLS-SEM e avaliou-se a confiabilidade composta (CR), verificando-se o grau de consistência interna entre os itens de um construto no modelo, o que indica se os itens para medir os construtos, de fato, medem o mesmo conceito de forma consistente. Posteriormente, verificou-se a validade convergente dos construtos, por meio da Variância Média Extraída (AVE), que se refere ao grau em que os indicadores de um mesmo construto estão relacionados entre si.

Conforme Fornell e Larcker (1981), a AVE deve ser superior a 0,5 e, segundo Hair et al. (2014), a CR deve ser superior a 0,7. Portanto, conforme indicado na Tabela 3, os resultados demonstram que todos os construtos apresentam valores superiores ao mínimo exigido, indicando que as escalas apresentam confiabilidade interna e boa validade convergente, sem a necessidade de exclusão de nenhum indicador.

Tabela 3 - Confiabilidade composta e validade convergente

Construtos	Confiabilidade Composta	Validade Convergente
Expectativa de Esforço	0.959	0.795
Expectativa de Performance	0.952	0.713
Influência Social	0.942	0.845
Intenção de Uso	0.945	0.776

Fonte: elaborada pelos autores.

Em seguida, avaliou-se a validade discriminante com base no critério de Fornell e Larcker (1981), o qual verifica se um construto é distinto dos demais construtos do modelo. A raiz quadrada da AVE (destacada em negrito na Tabela 4) para cada construto deve ser maior do que todas as correlações com os outros construtos, conforme demonstrado na referida tabela. Os construtos experiência, gênero e idade apresentam valor igual a 1,000, o que se justifica pelo fato de serem variáveis medidas por apenas um indicador.

Tabela 4 - Validade discriminante

Construtos	Expectati- va de Esforço	Expectati- va de Performan- ce	Experiên- cia	Gênero	Idade	Influência Social	Intenção de Uso
Expectativa de Esforço	<b>0.892</b>						
Expectativa de Performance	0.562	<b>0.844</b>					
Experiência	0.117	0.087	<b>1.000</b>				
Gênero	0.079	0.009	-0.048	<b>1.000</b>			
Idade	-0.333	-0.161	0.074	0.002	<b>1.000</b>		
Influência Social	0.124	0.217	-0.116	0.151	-0.064	<b>0.919</b>	
Intenção de Uso	0.536	0.622	0.126	0.094	-0.174	0.266	<b>0.881</b>

Fonte: elaborada pelos autores.

### Modelo Estrutural

Com a avaliação da confiabilidade composta, da validade convergente e da validade discriminante, procedeu-se à análise do modelo estrutural. Com base no coeficiente de determinação ( $R^2$ ) da variável dependente “intenção de uso”, que apresentou valor de 0,478, conforme exposto na Tabela 5, observa-se um nível moderado de poder explicativo, de acordo com Hair et al. (2014).

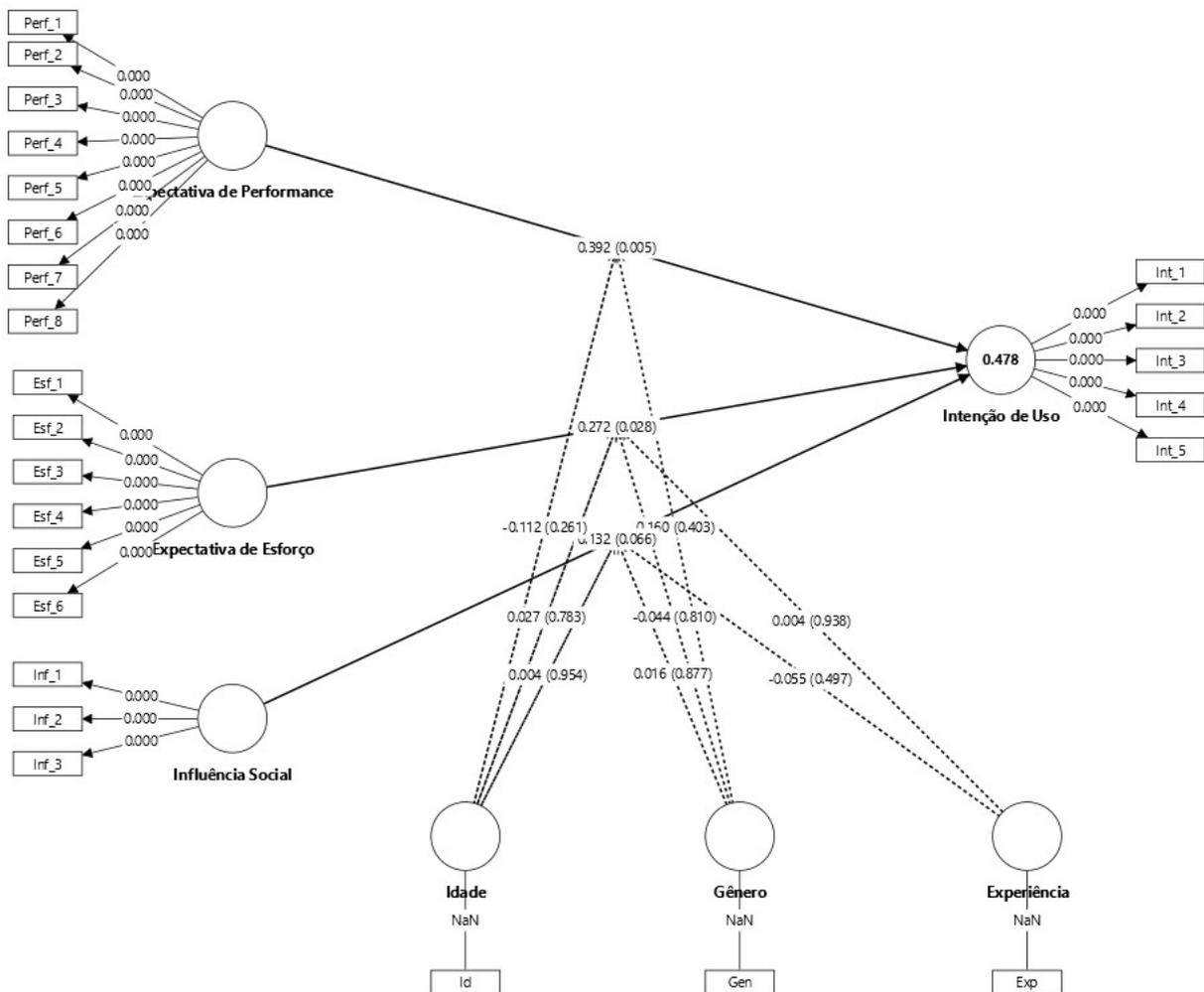
Tabela 5 - Coeficiente de determinação

Construto	$R^2$	$R^2$ Ajustado
Intenção de Uso	0.478	0.431

Fonte: elaborada pelos autores.

A partir da execução do algoritmo PLS-SEM, no SmartPLS, obteve-se a Figura 10, que apresenta os coeficientes de caminho, bem como os P-valores.

Figura 10 - Modelo executado no SmartPLS



Fonte: elaborada pelos autores.

Em relação aos coeficientes dos caminhos, segundo Hair et al. (2011), os valores são padronizados, variando de -1 a +1, sendo que valores mais próximos de +1 indicam relações positivas fortes, enquanto valores próximos de -1 indicam relações negativas fortes. O autor também sugere que, além da aplicação do PLS-SEM, deve-se utilizar o procedimento de *bootstrapping* para a obtenção do T-valor e, assim, determinar a significância estatística.

Após a execução do *bootstrapping*, avaliaram-se os coeficientes de caminho, os T-valores e os P-valores de cada hipótese do modelo. De acordo com os critérios de Hair et al. (2014), considerou-se significativa toda relação cujo T-valor fosse superior a 1,96 e P-valor inferior a 0,05. Conforme apresentado na tabela 6, apenas H1a e H2a apresentaram significância estatística (P-valor < 0,05), sendo as demais rejeitadas.

Tabela 6 - Resultados

Hipóteses	Coefficientes de Caminho	T-valor	P-valor	F <sup>2</sup>
<b>H1a: Expectativa de Performance → Intenção de Uso</b>	<b>0.392</b>	<b>2.791</b>	<b>0.005</b>	<b>0.098</b>
H1b: Gênero x Expectativa de Performance → Intenção de Uso	0.160	0.836	0.403	0.008
H1c: Idade x Expectativa de Performance → Intenção de Uso	-0.112	1.126	0.261	0.011
<b>H2a: Expectativa de Esforço → Intenção de Uso</b>	<b>0.272</b>	<b>2.208</b>	<b>0.028</b>	<b>0.048</b>
H2b: Gênero x Expectativa de Esforço → Intenção de Uso	-0.044	0.240	0.810	0.001
H2c: Idade x Expectativa de Esforço → Intenção de Uso	0.027	0.276	0.783	0.001
H2d: Experiência x Expectativa de Esforço → Intenção de Uso	0.004	0.077	0.938	0.000
H3a: Influência Social → Intenção de Uso	0.132	1.839	0.066	0.014
H3b: Gênero x Influência Social → Intenção de Uso	0.016	0.154	0.877	0.000
H3c: Idade x Influência Social → Intenção de Uso	0.004	0.057	0.954	0.000
H3d: Experiência x Influência Social → Intenção de Uso	-0.055	0.679	0.497	0.004

Fonte: elaborada pelos autores.

Os resultados indicaram que os construtos expectativa de performance (H1a) e expectativa de esforço (H2a) possuem relação causal significativa com a intenção de uso do Open Finance, apresentando coeficientes de caminho positivos e estatisticamente significativos. Todas as hipóteses relacionadas às variáveis moderadoras, ou seja, gênero, idade e experiência, foram rejeitadas. As interações propostas entre essas variáveis moderadoras e os construtos expectativa de performance, expectativa de esforço e influência social não apresentaram significância estatística, demonstrando que, nesta amostra, o efeito dos moderadores sobre a intenção de uso não foi relevante. Esses resultados sugerem que as percepções individuais sobre a expectativa de performance e a expectativa de esforço são os principais impulsionadores da intenção de uso do Open Finance.

## Discussão dos Resultados

O modelo proposto neste trabalho buscou avaliar, com base no UTAUT, os fatores que poderiam influenciar a intenção de uso do Open Finance, por meio da análise das hipóteses elaboradas com base na teoria de Venkatesh *et al.* (2003). A partir da análise de dados, utilizando o software SmartPLS e técnicas como PLS-SEM e *bootstrapping*, foi possível obter os valores estatísticos que permitiram a aceitação ou a rejeição das hipóteses.

Observou-se que, conforme proposto por Venkatesh *et al.* (2003) e apresentado na seção deste trabalho dedicada ao UTAUT, a expectativa de performance demonstrou ser a variável preditora mais relevante para determinar a intenção de uso, apresentando o maior coeficiente de caminho (0,392) e, portanto, o efeito mais forte sobre essa variável. Dessa forma, pode-se afirmar que a percepção individual de que o Open Finance pode ajudar a melhorar as atividades financeiras é o principal fator de influência sobre a intenção de uso, confirmando a hipótese H1a.

Em relação às variáveis moderadoras, foi proposto que o gênero (H1b) atuaria como moderador entre expectativa de performance e intenção de uso, com uma relação mais forte para os homens do que para as mulheres. Entretanto, neste estudo, o gênero não se mostrou um moderador significativo, indicando que a expectativa de performance sobre a intenção de uso do Open Finance foi estatisticamente equivalente entre homens e mulheres. Além disso, em relação à idade (H1c), observou-se que a expectativa de performance exerce efeito consistente sobre a intenção de uso, sem diferenças estatisticamente significativas entre usuários mais jovens e mais velhos. Assim, a ausência de significância para gênero e idade contrapõe o que fora proposto por Venkatesh *et al.* (2003).

No que diz respeito à expectativa de esforço e a sua influência sobre a intenção de uso do Open Finance (H2a), os resultados demonstraram que, conforme o modelo original do UTAUT (Venkatesh *et al.*, 2003), essa variável apresentou efeito positivo e estatisticamente significativo sobre a intenção de uso, confirmando a hipótese H2a e indicando que, quanto maior a facilidade de uso percebida, maior é a intenção de uso do Open Finance.

Entretanto, as variáveis moderadoras gênero (H2b), idade (H2c) e experiência (H2d) não apresentaram efeitos estatisticamente significativos. Isso reforça a inexistência de diferenças entre homens e mulheres, bem como entre faixas etárias, no que se refere à influência da expectativa de esforço sobre a intenção de uso. A experiência prévia com serviços financeiros digitais também não moderou essa relação, indicando que usuários com maior ou menor familiaridade com esses serviços percebem o esforço de uso de forma semelhante no contexto do Open Finance.

A relação entre influência social e intenção de uso do Open Finance (H3a) indicou um efeito positivo, porém não significativo. Dessa forma, pode-se afirmar que, no contexto desta pesquisa, a percepção do indivíduo quanto à opinião de pessoas importantes para ele em relação ao uso do Open Finance não exerceu influência relevante sobre a intenção de uso do sistema. Esse resultado pode estar relacionado ao baixo nível de conhecimento e adoção do Open Finance entre os respondentes. Os dados apresentados demonstraram que 52% dos participantes afirmaram nunca ter realizado o compartilhamento de dados via Open Finance, e 34% dos respondentes afirmaram não conhecer o Open Finance antes da realização da pesquisa. Esses dados sugerem que o Open Finance ainda não está amplamente presente nas conversas sociais ou na percepção coletiva, o que pode limitar o impacto da influência social. Além disso, os resultados são consistentes com os achados de Venkatesh *et al.* (2003), que observaram que a influência social tende a ser significativa em contextos obrigatórios, enquanto, em contextos voluntários, como o do Open Finance, tende a não apresentar significância.

Quanto às variáveis moderadoras de gênero (H3b), idade (H3c) e experiência (H3d), nenhuma apresentou significância estatística. No caso do gênero, os resultados sugerem que homens e mulheres foram igualmente pouco influenciados socialmente a aderir ao *Open Finance*, contrariando as evidências anteriores que indicavam maior sensibilidade das mulheres à influência social (Venkatesh et al., 2003). A idade, da mesma forma, não moderou a relação entre influência social e intenção de uso, indicando que, independentemente da faixa etária, não houve impacto significativo. Em relação à experiência, também não foi identificada moderação significativa, o que é coerente com o perfil da amostra, composto majoritariamente por usuários com elevado nível de exposição a tecnologias digitais, fator que pode ter reduzido o papel da experiência como elemento diferenciador. Além disso, conforme descrito por Venkatesh et al. (2003), à medida que os usuários adquirem mais experiência, a influência social tende a perder força como determinante comportamental, o que pode ajudar a explicar os resultados observados.

De forma geral, os resultados deste estudo reforçam o papel central da expectativa de performance e da expectativa de esforço como determinantes da intenção de uso do Open Finance. A influência social não apresentou relação significativa com a intenção de uso, o que pode ser explicado pelo caráter voluntário da adoção do Open Finance. As variáveis moderadoras (gênero, idade e experiência) também não se mostraram significativas, indicando que, independentemente das características individuais dos respondentes, os fatores relacionados ao desempenho esperado e ao esforço percebido mantêm a sua relevância de forma consistente.

## Conclusão

Este estudo teve como objetivo analisar os fatores que influenciam a intenção de uso do Open Finance no Brasil, utilizando o UTAUT (Venkatesh et al., 2003) como base teórica. Como parte das iniciativas do Banco Central voltadas à promoção da democratização financeira, o Open Finance completou quatro anos em 2025 e, ao longo do tempo, a adesão a esse sistema de compartilhamento de dados financeiros entre instituições aumentou por parte dos usuários, demonstrando a sua relevância como uma ferramenta estratégica para fomentar a competitividade, a inclusão e a inovação no Sistema Financeiro Nacional.

Com base na teoria de Venkatesh et al. (2003), foram propostas 11 hipóteses para explicar a intenção de uso do Open Finance. A partir de um questionário estruturado, foram coletados os dados que viabilizaram o teste dessas hipóteses. A análise dos dados, realizada por meio do software SmartPLS, com o método PLS-SEM, demonstrou que a expectativa de performance e a expectativa de esforço são os principais determinantes da intenção de uso do Open Finance. Esses resultados reforçam a importância dos usuários potenciais perceberem benefícios claros e facilidade de uso, a fim de aumentar a propensão à adesão ao sistema que viabiliza o compartilhamento de dados.

A influência social não apresentou significância sobre a intenção de uso, possivelmente devido à baixa adesão ao sistema nesta amostra (52% não realizaram o compartilhamento), bem como ao conhecimento ainda incipiente (34% declararam desconhecer o Open Finance antes da pesquisa), indicando que muitos respondentes ainda não estão plenamente familiarizados com o sistema e que, possivelmente, esse não é um tema muito presente nas interações sociais.

As variáveis moderadoras investigadas (gênero, idade e experiência) não se mostraram significativas nas relações dos construtos com a intenção de uso, sugerindo que essa intenção tende a ser mais influenciada pelas percepções individuais de utilidade e esforço.

Os resultados indicam que, para ampliar a adoção do Open Finance, as estratégias das instituições financeiras, do Banco Central e de demais agentes devem focar na comunicação clara dos benefícios ao usuário, de forma que ele possa tangibilizar os efeitos esperados da adesão ao sistema. Além disso, a facilidade de uso demonstrou ser um fator influente na adoção e, portanto, deve-se promover o desenvolvimento de interfaces intuitivas e simplificadas, a fim de reduzir a percepção de esforço e, conseqüentemente, aumentar a predisposição do usuário em compartilhar os seus dados.

Em relação às limitações do estudo, a coleta de dados ocorreu de maneira orgânica, com o compartilhamento do formulário, majoritariamente, por meio de redes sociais, o que configura uma amostragem não probabilística e, portanto, pode não refletir com precisão as características da população brasileira. Ademais, a coleta de dados foi realizada em um recorte transversal, o que impede a análise de possíveis mudanças de percepção ao longo do tempo. Cabe ressaltar, ainda, que o estudo se concentrou na intenção de uso, não avaliando o comportamento efetivo de adoção do Open Finance, o que pode limitar as inferências sobre o uso real da tecnologia.

Para pesquisas futuras, recomenda-se a ampliação da amostra, bem como a realização de estudos longitudinais, a fim de observar como a intenção de adoção ao Open Finance evolui ao longo do tempo, à medida que o sistema se torna mais conhecido e utilizado.

Por fim, este trabalho contribui para o entendimento do comportamento do usuário em relação às inovações financeiras no Brasil, reforçando a importância da expectativa de performance e da expectativa de esforço como principais impulsionadores da intenção de uso do Open Finance.

## Referências

- Banco Central do Brasil. (2019). *Apontamentos e apresentação do presidente Roberto Campos Neto no lançamento da nova Agenda BC#*. Recuperado de <https://cdn-www.bcb.gov.br/detalhenoticial/16766/nota>.
- Banco Central do Brasil. (2025). *Open Finance*. Recuperado de <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/openfinance>.
- Banco Central do Brasil. (2020). *Resolução Conjunta nº 1, de 4 de maio de 2020*. Dispõe sobre a implementação do Sistema Financeiro Aberto (Open Banking). Recuperado de <https://bit.ly/3eRv2s3>.
- Briones de Araluze, G. K., & Cassinello Plaza, N. (2022). Open banking: a bibliometric analysis-driven definition. *PLOS ONE*, 17(10), e0275496. doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0275496>.
- Cambridge Centre for Alternative Finance. (2024). *The global state of Open Banking and Open Finance*. University of Cambridge. Recuperado de <https://www.jbs.cam.ac.uk/wp-content/uploads/2024/11/2024-ccaf-the-global-state-of-open-banking-and-open-finance.pdf>.
- Fernandes, K. D. (2020). *Modelo de adoção de Open Banking: motivadores e barreiras que influenciam o potencial adotante* (Dissertação de mestrado, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo). Recuperado de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-04032021-224111/publico/KateDomingosFernandes.pdf>.
- Fornell, C., & Larcker, D. F. (1981). Evaluating structural equation models with unobservable variables and measurement error. *Journal of Marketing Research*, 18(1), 39–50. doi: <https://doi.org/10.2307/3151312>.
- Hair, J. F. Jr., Sarstedt, M., Hopkins, L., & Kuppelwieser, V. G. (2014). Partial least squares structural equation modeling (PLS-SEM): an emerging tool for business research. *European Business Review*, 26(2), 106–121. doi: <https://doi.org/10.1108/EBR-10-2013-0128>.
- Mariqyan, D., Papagiannidis, S., & Stewart, G. (2023). Technology acceptance research: Meta-analysis. *Journal of Information Science*. doi: <https://doi.org/10.1177/01655515231191177>.

- Open Finance Brasil. (2022). *Qual a diferença entre Open Banking e Open Finance?* Recuperado de <https://openfinancebrasil.org.br/2022/11/17/qual-a-diferenca-entre-open-banking-e-open-finance/>.
- Open Finance Brasil. (2024). *Relatório anual Open Finance*. Recuperado de <https://openfinancebrasil.org.br/relatorios/>.
- Ragazzo, C., Tolentino, M., & Cataldo, B. (2022). Do Open Banking ao Open Finance: entenda o sistema financeiro aberto (White paper, 26 p.). *Social Science Research Network*. Recuperado de <https://ssrn.com/abstract=4460772>.
- Salinet, M. F. (2024, 12 de março). Número de contas bancárias por brasileiro sobe 71% desde 2020 para seis em média. *Valor Econômico*. Recuperado de <https://valor.globo.com/financas/noticia/2024/03/12/numero-de-contas-bancarias-por-brasileiro-sobe-71percent-desde-2020-para-seis-em-media.ghtml>.
- Scaff, A. (2025, 10 de fevereiro). Open Finance completa quatro anos e chega a 62 milhões de consentimentos. *Valor Econômico*. Recuperado de <https://valor.globo.com/financas/noticia/2025/02/10/open-finance-completa-quatro-anos-e-chega-a-62-milhes-de-consentimentos.ghtml>.
- Silva, J. (2009). *Aplicação do modelo UTAUT na avaliação da intenção de uso de sistemas de ERP* (Dissertação de mestrado profissionalizante, Faculdade de Economia e Finanças Ibmec). Recuperado em [https://s3.amazonaws.com/public-cdn.ibmec.br/portallibmec-content/public/arquivos/df/dis\\_2009\\_24\\_-\\_jorge\\_marcelino\\_bassalo\\_da\\_silva.pdf](https://s3.amazonaws.com/public-cdn.ibmec.br/portallibmec-content/public/arquivos/df/dis_2009_24_-_jorge_marcelino_bassalo_da_silva.pdf).
- Travain, G. D. (2023). *Open Finance: uma análise a partir do uso e aceitação do usuário pelo modelo UTAUT* (Trabalho de conclusão de curso, Universidade Federal de São Paulo, Escola Paulista de Política, Economia e Negócios). Recuperado de <https://repositorio.unifesp.br/bitstreams/fdeb7509-b483-4d83-aae6-e2f3c57ffe1c/content>.
- Venkatesh, V., Morris, M. G., Davis, G. B., & Davis, F. D. (2003). User acceptance of information technology: Toward a unified view. *MIS Quarterly*, 27(3), 425–478. doi: <https://doi.org/10.2307/30036540>.

## Autores

- Amanda Lara**, Bacharel em Administração de Empresas, Universidade de São Paulo (USP).
- Kavita Miadara Hamza**, Doutora em Administração pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Associada da Universidade de São Paulo. Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Administração (PPGA) da FEA USP.
- Guilherme Ricardo Silva Anzoategui**, Mestre em Administração de Empresas com especialização em Finanças pela Universidade de São Paulo - FEA/USP.

## Contribuição dos autores

Contribuição	Amanda Lara	Kavita Hamza	Guilherme Anzoategui
1. Definição do problema de pesquisa	✓	✓	
2. Desenvolvimento de hipóteses ou questão de pesquisa (no caso de trabalho empírico)	✓	✓	
3. Desenvolvimento de proposição teóricas (no caso de trabalho teórico)			
4. Referencial/fundamentos teórico(s) / revisão de literatura	✓		
5. Definição de procedimentos metodológicos	✓		
6. Coleta de dados / trabalho de campo	✓		
7. Análise e interpretação de dados (quando existentes)	✓	✓	✓
8. Revisão do texto	✓	✓	✓
9. Redação do texto	✓		